tradução por TRAVA

Claudia Rodríguez, poeta: “As travestis, assim como Marilyn Monroe, somos filhos indesejados por todo sistema”

Entrevista com Claudia Rodríguez publicada em seu site em 29 de Julho de 2015. Versão original aqui:

https://web.archive.org/web/20150928171343/http://www.claudiarodriguez.cl/claudia-rodriguez-poeta-las-travestis-igual-que-la-marilyn-monroe-somos-hijos-no-deseados-para-todo-sistema/

Com estudos em gênero e formada em Serviço Social, Claudia Rodríguez (47) reivindica a história das travestis pobres que se prostituem e respondem ao desprezo assumindo-se feias, desagradáveis e repugnantes. Histórias como as que ela viveu, sendo uma puta trans nos anos 90, quando sonhava ser como Pamela Anderson e acabou sendo humilhada por um cliente maldito. Claudia carrega com orgulho sua monstruosidade e, embora tenha mudado de sexo, mandou para o inferno sua carteira de identidade de mulher. Hoje estreia "Cuerpos para odiar" (Corpos para odiar), peça teatral baseada em seu livro homônimo e onde ela é a Marilyn Monroe chilena.

tradução por TRAVⒶ
https://travx.framer.website/

Quando você escreveu "Cuerpos para odiar" (Corpos para odiar)?

– Há cerca de dois anos, e este livrinho tem circulado no underground. Cada vez mais pessoas o pedem, tive que fazer mais cópias. E ele tem esse nome por causa dos crimes de ódio contra nossas companheiras travestis assassinadas. Nós, travestis, somos corpos para serem odiados. Porque estamos ligadas ao trabalho sexual e, nesse trabalho, encontramos homens que odeiam as mulheres e que nos usam para descarregar todo esse ódio.

Quando você começou a escrever poesia travesti?

– Muito antes de entrar para o Movilh, eu escrevia apenas coisas românticas. Depois, fiz uma oficina e tive a pretensão de contar nossas histórias, para que outros não as contassem. E comecei a desenvolver uma escrita travesti. A escrita sempre foi um privilégio que as travestis não têm. É uma comunidade que tem sido analfabeta.

Por quê?

– Nós, travestis, fomos expulsas da educação porque sofremos violência, insultos e maus-tratos. Por isso, saímos para a rua sem formação. É como um círculo vicioso. Não estamos na luta social, porque ninguém se importou em nos ensinar a ler, escrever e defender nossos direitos. Eu discuto isso em "Cuerpos para odiar" (Corpos para odiar). Meu livro é dedicado às travestis que morreram sem saber que estavam vivas, sem terem sido felizes e sem terem escrito cartas de amor. Nada nos foi dito sobre como nossas vidas estão cheias de lutas sociais para ter o que comer, para viver, para ter onde ficar. A construção da nossa biografia é feita em território de guerra. A biografia de cada uma é muito importante, porque nós, travestis, fomos esquecidas na história do Chile.

Na peça, você interpreta Marilyn Monroe.

– Adoro a Marilyn, conheço toda a sua história. Toda a sua carreira no cinema começou com um fracasso. Os homens a usaram. E, lendo, percebi que o feminismo não a alcançou. Embora, por vezes, ela tivesse reflexões feministas. Toda essa luta com Hollywood, que a obrigou a fazer filmes de loira burra, a forçou a criar sua própria produtora para filmar seus próprios filmes. Estava vendo uma reportagem recentemente em que Marilyn contava que, aos 12 anos, iam levá-la para um orfanato, mas ela não quis e dizia "por que, se eu tenho mãe". Isso faz você pensar que Marilyn era uma filha indesejada. E isso se relaciona muito com a nossa história.

Como isso se relaciona?

– As travestis, assim como Marilyn Monroe, somos filhos indesejados por todos o sistema. E isso me emociona, porque é um pouco a história das travestis, que temos que ser de uma forma para os outros, mas ninguém se importa com o que realmente somos. As travestis são manipuladas da mesma forma que a Marilyn, mas não para dizer verdades, e sim simplesmente para o espetáculo. Por exemplo, na mídia mostram essa transexual que foi atleta, o pai das Kardashian, que ama sua riqueza, que viveu muito tempo como homem e agora é uma maravilhosa operada. E é a notícia de uma travesti burguesa que não fala da luta social.

Mas é pesado ela ter saído do armário tão velha.

– Sim, mas é show. Essa mulher tem uns sessenta anos e nenhuma mulher vai ficar assim nessa idade. Ela consegue isso com dinheiro. A maioria de nós vive na pobreza, não vamos chegar aos 60 anos assim.

Outra das divas que você resgata em "Cuerpos para odiar" é a atriz venezuelana Lupita Ferrer.

– Sim, ela sempre interpretava personagens de camponesa ou de uma menina pobre que era empregada na casa de ricos e o homem rico se apaixonava por ela, e ela saía da pobreza para uma classe social considerada boa. E para as mulheres do acampamento, da minha população, era ideal que isso acontecesse com você. E isso mesmo estava na história das travestis. Sonhávamos encontrar um homem que nos tirasse do buraco, mas não conheci nenhuma travesti que tivesse um príncipe encantado.

A RUIVA TINGIDA

“Há homens que me dizem: bem, se você diz ser tão revolucionária, por que quer ser loira? Bem, garoto, eu não sou loira, sou ruiva tingida e destruo meu cabelo”, diz Claudia.

Por que você quer ser loira?

– É que os homens adoram loiras, ha, ha, ha. Além disso, como sou fã da Marilyn... Foi assim que construí esse monstro.

Por que monstro?

– Para as outras pessoas, quem é travesti é monstruosa. As pessoas ficam chocadas quando quem está falando tem cabelos loiros, mas uma voz tão amarga. Isso faz parte da horrorosidade.

De fato, você reivindica a horrorosidade de ser travesti em seus textos.

– O que faço é uma reivindicação do monstruoso. Digo coisas incorretas, reivindico minha história, tudo isso é monstruoso. Nós, travestis, somos horroristas.

Por quê?

– A partir do desprezo, da ilegalidade e da exclusão, subvertemos tudo para sobreviver, mas também nos assumindo feias, desagradáveis e repugnantes.

Mas nem todas as travestis se consideram horríveis...

– Sim, a maioria quer ser a mais elegante, bonita e consumidora. Elas estão atravessadas, na minha perspectiva, por um discurso que não é travesti, um discurso higienizante e purificador usado pelos líderes homossexuais para gerar mais acesso às políticas públicas. Como se isso fosse diversidade, e não é, ora. A diversidade é tão diversa que é até monstruosa.

Então, quando você fala de travestis monstruosas, a quais você está se referindo?

– Eu me refiro a essas travestis pobres que vivem à noite, nas esquinas, que se assumem travestis e vivem chupando paus. Tudo isso é horroroso. Sinto que há aí um poder político que pode ser usado a nosso favor. Uma colega disse uma vez: nós fazemos sexo pelo cu, não é normal, não é reprodutivo, é pelo cu. Que horror ouvir isso para o bem social, que o cu é um órgão sexual. Aí o discurso da classe vai para o lixo, porque até os pobres ficam horrorizados. Dizemos coisas horríveis, mas que são verdadeiras. Por exemplo, na peça eu digo: "vocês que são pobres, maltratados, querem que eu mostre meus seios, ou também querem vingança?". Eu digo aos pobres que não somos tão diferentes, somos todas exploradas. Minha vingança pode ser a sua também.

A CLAUDIA DOLORES

Seus escritos falam sobre os hormônios que você injetou, sobre quando você fez implantes mamários. Como você começou a se armar como mulher?

– Aos 24 anos, comecei a tomar hormônios e a experimentar com meu corpo. Com outras travestis, a Gata, a Ucha e a Egipcia, comecei a me construir. Elas tinham mais ou menos a minha idade, mas muito mais experiência. Elas me ensinaram a me prostituir, a me maquiar, a usar hormônios, a colocar silicone, a me armar como mulher. Naquela época, havia muitos mitos.

Como quais?

– Que um hormônio fazia muito bem para uma pessoa e ela ficava maravilhosa, porque seu corpo ficava mais arredondado e sua pele melhorava, mas esse mesmo hormônio em outra pessoa fazia com que ela ficasse parecida com um macaco, com mais pelos, nada bom. Eu experimentei muito. Para que as mudanças fossem rápidas, tomávamos bombas de hormônios, que eram anticoncepcionais e podiam ser compradas em farmácias sem receita. Em um ano, comecei a ganhar corpo e, de repente, percebi que estava imensamente gorda.

Pouco tempo depois, você colocou silicone…

– Numa época em que isso não era tão democratizado. Agora, uma louca que vem do Equador ou da Colômbia coloca silicone por quarenta mil pesos. Na minha época, havia apenas uma travesti que fazia implantes em toda Santiago e você tinha que marcar uma consulta com meses de antecedência para que ela arrumasse seu corpo. Ela era a Claudia Dolores. E você estava em boas mãos com ela.

Quem era ela?

– Claudia Dolores era uma travesti operada das mais antigas, uma senhora gorda, que já não podia fazer trabalho sexual e tinha aprendido a colocar silicones fazendo cursos de primeiros socorros e enfermagem. Era o máximo colocar silicones com ela. Além disso, ela tinha feito todas as suas amigas. Ou seja, ela tinha operado todas as travestis de Santiago. Claudia Dolores estava no mesmo nível do Dr. MacMillan, ha, ha, ha.

Mas era mais barato, suponho.

– Sim, mas não deixava de ser. Minha operação nos seios custou 100 mil pesos, o que equivaleria a cerca de 400 mil pesos hoje. Fiz três sessões até chegar ao resultado que tenho agora.

Por que você queria ter peitos grandes?

– As argentinas eram o modelo da nossa época. E elas tinham peitos assim, majestosos. Eu fiz à moda chilena, um pouco menores, embora ainda assim sejam grandes. Em um determinado momento, eu queria parecer com a Pamela Anderson. Ela era tão bonita, tão exuberante, tão loira, tão soberba. Maravilhosamente rica, mas poderosa. E eu queria aumentar mais, mas envelheci e depois sofri um acidente de carro, e isso me desanimou. E percebi que a aparência não servia para muita coisa, porque os caras que eu conhecia, claro, ficavam encantados com a aparência, mas não iam além disso.

Por que não?

– Os rapazes não conseguem admitir que eu os enlouqueci. Com muitos aconteceu a mesma coisa: "eu te amo muito, você me encanta, mas minha família está me perguntando quando vou me casar e ter filhos". E aí era o fim. Os rapazes não conseguiam lidar comigo. Não podiam ser tão revolucionários, porque apresentar aos amigos essa travesti incrível era impossível.

E sua família, como ela aceitou sua transformação?

– No começo, eles não entendiam nada. Achavam que eu estava indo contra a natureza. Para minha família, era muita pressão: "o que os vizinhos vão dizer". Eu morava em um beco em um bairro onde todos sabiam da vida de todos. Aconteceu comigo essa coisa de querer me transformar na pessoa mais rica do Chile, e isso gerou todo tipo de comentários. E nem me faça falar do que minha mãe disse quando me viu chegando em casa com seios. Ela quis morrer. Meu pai me expulsou de casa. Mas agora estamos bem. Antes de ele morrer, nos reconciliamos. Foi bonito. Ele era de outra geração e, para ele, havia coisas sagradas, mas para mim as coisas eram cada vez menos sagradas. Porque nós, nas ruas, não sabemos se vamos sobreviver ou não, mas é tão grande o desejo de que algo aconteça conosco, de encontrar um príncipe encantado, que você está sempre no limite.

Que tipo de homem você encontrou quando estava se prostituindo?

– Com velhos fracassados que tinham uma boa situação financeira, carros maravilhosos, mas velhos flácidos e que não te excitavam nem um pouco. Um dia, eu quase tive um ataque de histeria por causa de um idiota que me levou na sua caminhonete. Eu chupei o pau desse idiota e, quando ele gozou, ele abriu o porta-luvas e tirou uma pistola enorme. Ele apontou para mim e disse: "Saia ou eu te mato". E ele tinha me deixado na porra da estrada! Eu pensava como ele podia ser tão desumano depois de eu ter chupado o pau dele. Tão des-hu-mano! Como ele podia ser tão ingrato. Veja como eu era ingênua, sabe? Foi aí que eu percebi uma coisa.

O quê?

– Foi uma tomada de consciência brutal. Fui contar para minhas amigas, porque queria denunciá-lo, e elas me disseram: "nah, isso acontece todos os dias, os policiais vão rir de você e vão dizer, sabe de uma coisa, você estava atrás disso" E eu, que já refletia sobre direitos humanos, dizia: "Não, cara, isso não é normal". Ficava frustrada porque minhas colegas naturalizavam essa humilhação. Isso foi me afastando da rua. Não queria mais me sentir uma boneca para nenhum idiota. Porque nós, travestis, somos isso: bonecas para homens que odeiam mulheres.

Por que os homens que odeiam as mulheres procuram travestis?

– Porque a sexualidade é mais ampla do que a heterossexualidade estabelece. Nós saímos para a rua e nos fazem fazer as coisas mais estranhas do mundo, como cagar neles, mijar neles, enfiar o dedo no buraco deles, enfiar coisas no cu deles. Por dinheiro, fazemos tudo isso. Não há limites, garota. E enquanto não houver limites, melhor, porque a gente vai aprendendo coisas. Você se torna poderosa e controla os homens. E quando alguém se aproxima de você, você já sabe o que ele quer. Não adianta ser uma travesti covarde. Quanto mais experiência, mais currículo você tem para se defender dos idiotas e sobreviver.

LENÇÓIS COM IODO

Você tirou o pênis, mas não quis mudar sua identidade de gênero. Por quê?

– Antes de fazer a cirurgia, em 2000, eu achava que ter uma carteira de identidade de mulher era o máximo, que eu teria uma vida heterossexual, que poderia me casar, toda essa história. E aconteceu que conheci algumas travestis que tinham ido com o Blue Ballet e voltado com dinheiro, todas operadas e casadas com franceses. Um dia, elas me convidaram para ir ao salão de beleza delas. Queriam me contar sobre a cirurgia de mudança de sexo. Mas falavam baixinho para que os clientes não ouvissem: "é que não queremos que ninguém saiba que somos operadas". E eu olhava para elas e pensava: mas como vão passar despercebidas se estão cheias de silicone no rosto, na boca, na testa, no bumbum, é evidente que são homens. Mas elas juravam de pés juntos que passavam despercebidas. Uma delas até me contou que o parceiro dela não sabia.

E como você fazia para passar despercebida?

– Eu inventava mil desculpas. Outra louca que conheci tinha um namorado rico, lindo, mas ele não sabia que ela era travesti. Um dia, outra pessoa chegou e disse a ele: "Quer saber? A Yesenia não é a Yesenia, é um cara operado". O cara queria matá-la, não conseguia acreditar. Há muitas travestis que nunca contaram aos seus parceiros que são operadas, mas sempre se descobre. Havia uma travesti cujo parceiro queria ser pai. A mulher até manchava os lençóis com iodo para que ele pensasse que ela estava indisposta. Coisas esquizofrênicas como essas. Então, eu disse: por que eu tenho que passar por isso? Não quero ter vergonha do que sou. Não quero me construir de acordo com uma imagem para ser aceita.

Mas você fez a cirurgia mesmo assim...

– Sim, era mais confortável. Depois percebi que teria que gastar mais um milhão de pesos para entrar com o processo e ter minha identidade como mulher. Naquela época eu não tinha emprego, minha mãe me sustentava e eu disse: até quando vou ter que pagar para me ajustar ao sistema? Como já tinha feito a cirurgia, disse que não faria mais nada e mandei os documentos para o inferno. Havia amigas que me diziam para operar a voz. Nem a pau! Foi assim que sobrevivi.

A carteira serve para alguma coisa?

– Para nada. Imagine, quando coloquei seios pela primeira vez, fiquei com seios maravilhosos, grandes. Mas os dias passaram, o inchaço foi passando e fiquei com seios pequeninos. Depois de todo o dinheiro investido, da dor e do risco que corri, fiquei com seios pequeninos! Foi uma frustração. Seis meses depois, juntei cem mil pesos e coloquei silicone novamente. Mas os homens continuavam descobrindo que eu não era uma mulher.

Eu nunca iria me encaixar, por mais cirurgias que fizesse. Nunca se vai ser uma mulher normal e natural, isso é uma fantasia, uma mentira. É mais reconfortante aceitar-se. E ser travesti não deveria mais ser uma vergonha.

O que você acha da União Estável ou do casamento homossexual?

– O casamento deve ser abolido. Mesmo para os heterossexuais, o casamento tem sido um fracasso. Se os gays querem se casar, que lutem pelo que querem, mas isso não me importa. Para nós, travestis, o casamento homossexual não serve para nada.

Por que não?

– Na minha perspectiva, nossas necessidades são as lutas sociais: direito à saúde, à moradia, à educação e ao trabalho. Acho que essa lei foi pensada e direcionada para homens homossexuais abastados. Nenhum homem vai querer se casar com uma travesti no Chile, senão estaríamos todas casadas. Dizem que a lei é importante porque, assim, quando uma morrer, seus bens serão do sobrevivente, mas nós não temos para onde cair mortas, não temos capacidade de poupar, o que vamos herdar? Nós, travestis, sobrevivemos sem organização e sem identidade de gênero. Vamos continuar na mesma. Essas lutas são da classe burguesa.

Você fez parte do Movilh no início dos anos 90. Como você vê o movimento agora?

– Não tenho nenhuma relação com ele. Também não tenho interesse em ter, pois meu discurso é muito diferente do deles. Eu fiz parte do Movilh histórico, cheguei em 1991. E era a única trava, a única louca, e por isso vivi muitos conflitos.

O que aconteceu com você?

- Naquela época, só iam ao Movilh homens que procuravam outros homens. E eu não era tão masculina. Eu era mais uma louca desinibida. E na organização começaram a me chamar, como insulto, de Claudia em vez de Claudio. Meus colegas homossexuais líderes nunca se importaram que uma travesti tivesse um discurso próprio. Eles podem te levar a uma reunião com o Ministério da Saúde, mas quem vai falar sobre travestismo e transexualidade serão eles, com você ao lado. Isso me cansou e decidi ser uma ativista autônoma para lutar de igual para igual com os caras.

Naquela época, as travestis não se organizavam.

– Não, de jeito nenhum. Elas não se importavam muito. As travestis com quem eu me relacionava no trabalho sexual, na rua, falavam mal dos homossexuais. Diziam que eles tinham muitos privilégios, que podiam trabalhar, que podiam se divertir, que não precisavam fugir da polícia, que a polícia não os batia ou cortava

o cabelo como faziam com elas. Elas não tinham interesse em participar.

Há alguns meses, entrevistei uma acompanhante transexual VIP que não estava nem aí para a luta pelos direitos das pessoas trans, porque ela se virava sozinha e ninguém a tinha ajudado a construir sua vida.

– É triste, mas é resultado da falta de educação no Chile. E é por isso que eu manifesto todos os dias. Na verdade, minha bunda está dolorida de tanto marchar.

As travestis manifestam pela educação?

– Vi poucas. E quando convoco, minhas amigas não vão, porque não se sentem parte disso. Outro dia, entrevistaram na TV a travesti mais bonita do mundo. Eu perguntaria a ela se ela sabe o que são direitos humanos, porque minhas colegas não sabem. Elas me perguntam o que são direitos humanos.

O que você diz a elas?

– Dou exemplos para que elas me entendam: você sabe o que é o direito à água? E elas começam a pensar. Bem, o que aconteceria se você não tivesse água? "Ah, seria horrível, meu cabelo, eu não poderia lavá-lo". Bem, esse é um direito humano, ninguém pode ficar sem água. E da mesma forma, ninguém pode dizer que você não pode existir. E isso deveria ser ensinado no sistema educacional.

CUERPOS PARA ODIAR (Corpos para odiar)

De 23 de julho a 15 de agosto.
Quintas, sextas e sábados, às 20h30.
Sala Agustín Siré da Escola de Teatro da Universidade do Chile. Morandé 750.
Ingressos: geral sexta-feira e sábado: $5.000; estudantes, descontos para grupos e quinta-feira $3.000.
Travestis entram gratuitamente.

Entrevista Macarena Gallo / 29 de julho de 2015
Foto: Alejandro Olivares

TRAVⒶ é um projeto de tradução de pensamento trans radical sudaca. somos um grupo de travas e travos de diferentes regiões no brasil, dedicades a borrar as barreiras português/espanhol entre o brasil e países vizinhos. nossas traduções ficam disponíveis no Internet Archive, um arquivo digital de acesso aberto e sem anúncios.

tradução: Cello Pfeil
revisão: Joanna Leoni
diagramação: Joanna Leoni e Léo Eslabão

fev/2026
https://travx.framer.website/

Em memória de Claudia Rodríguez